



Recortes de Imprensa

Só Mais Uma Gaivota

de Miguel Fragata e Inês Barahona / Formiga Atómica

[criação de 2025]



© Manuel Loureiro



FOTOGRAFIA: SOFIA BERNARDO

Uma conversa com **A Gaivota** que já dura há 20 anos

O desejo em trabalhar um clássico levou Inês Barahona e Miguel Fragata até Tchekhov. A biografia levou-os a regressar aos intérpretes que, ao lado de Fragata, apresentaram *A Gaivota* como espectáculo final de curso. Os dois cruzam-se no CCB, desde ontem a 28 de Setembro.

Gonçalo Frota

Quando Inês Barahona e Miguel Fragata primeiro começaram a pensar em abordar um clássico *comme il faut*, texto e personagens que resistiram à passagem do tempo, foram desembocar em *A Gaivota*, de Tchekhov. Era quase criminoso não voltar a uma peça que fora o espectáculo de fim de curso de Fragata na ESMAE, passados 20 anos, ao mesmo tempo que esta escolha lhes permitia questionarem o lugar que a sua Formiga Atómica (a companhia que criaram, juntos, há uma dúzia de anos) ocupa hoje.

Após 12 anos em que andaram “a calcorrear o território, a realizar trabalhos de pesquisa intensos, numa relação muito directa com as pessoas e os lugares”, sentiam-se com arcabouço para iniciar uma conversa com um clássico, assumindo uma crescente necessidade de “dialogar com o passado”. “Sentimos que precisamos de revisitar estas grandes referências da dramaturgia universal e de perceber o que elas nos trazem para pensarmos o presente e o fu-

turo", reconhece Miguel Fragata ao Ípsilon. "Respondendo também à sensação de que, enquanto sociedade, estamos cada vez mais órfãos dessas referências e desse universo comum, profundo e anterior a todos nós. Um universo que, muitas vezes, desconhecemos, mas que nos liga, de alguma forma."

A *Gaivota*, então. O conflito entre Arkádina e Treplev, a mãe diva do teatro e o filho jovem aspirante a escritor, o conflito entre as velhas e as novas formas artísticas, entre o sucesso literário e estabelecido de Trigorin e a busca por uma linguagem contemporânea de Treplev, a perda da promissora actriz Nina (endeusada por Treplev) para o mundo de Trigorin, etc. Só que não tardaria a infiltrar-se na abordagem a Tchekhov a habitual fronteira porosa entre ficção e realidade que Fragata e Barahona têm explorado no seu percurso teatral comum. E, assim, o clássico *comme il faut* foi-se transformando num projecto de pesquisa e que tanto se alimenta como se cruza com a memória desse espectáculo de finalistas da ESMAE, então dirigido por João Pedro Vaz. Com a memória, mas também com o lugar onde cada um dos 13 actores e actrizes hoje se encontra.

"Tal como digo no espectáculo", explica Miguel Fragata, que sobe a palco sozinho — ainda que cercado de pessoas e personagens que habitam na sua cabeça e ganham vida nas dos/ as espectadores/as —, "A *Gaivota* marcou mesmo a percepção daquele grupo de que, afinal, mesmo abordando textos com cem anos [foi escrita em 1895, estreando no ano seguinte], era possível estabelecer pontos de relação com o presente. Para mim e para os meus colegas, foi mesmo uma descoberta forte e uma sensação quase esquizofrénica de diálogo entre a nossa vida, a maneira como o texto e tudo aquilo se entrecruzava e propunha relações entre nós — que estávamos ali a terminar o curso e a pensar o futuro, a projectar-nos para a frente. E estas personagens, com os seus dilemas, com as suas questões e angústias, estavam também a projectar-se para a frente."

Só *Mais Uma Gaivota*, em estreia no Centro Cultural de Belém, Lisboa, desde ontem a 28 de Setembro — seguindo depois em digressão pelo país, com escalas em Matosinhos (Teatro Constantino Nery, 24 de Outubro) e no Montijo (Casa da Música Jorge Peixinho, 12 de Dezembro) — parte do texto de Tchekhov, mas também das entrevistas que Miguel Fragata realizou aos seus antigos colegas de curso. Começa por evocar um diálogo entre Medvedenko e Masha, ele a tentar perscrutar a tristeza dela — porque anda sempre vestida de preto, pergunta-lhe o professor, ao que Masha responde: "Ando de luto pela minha vida. Sou infeliz" — e

a tentar comovê-la com o seu amor, mas logo salta para a sua biografia artística de Fragata e recua duas décadas (ou será que avança?) no tempo, para 2005, e para o seu primeiro contacto com *A Gaivota*. "Pela primeira vez, depois de três anos de curso, sentimos que o teatro podia conversar com a vida. Parecia que as personagens estavam escritas à nossa medida, que nós tínhamos sido feitos à medida das personagens..."

Só que a partir do presente, olhando para esse passado que marcava a transição entre o fim dos estudos e o início da vida profissional, Miguel Fragata vai percebendo o quanto essa conversa com a vida continuou a decorrer enquanto se afastava de Tchekhov, ao mesmo tempo que se afastava também de muitos destes colegas de curso. Passaram-se 20 anos, durante os quais o co-criador da Formiga Atómica manteve "contacto com algumas destas pessoas, sabia o que era feito de outras, e de outras ainda não fazia a menor ideia". Embora tivesse uma noção clara de que, daquela amostra de 13, poucos tinham conseguido prosseguir no teatro — com frustração à mistura nalguns casos, outros como convicta opção de vida.

"Não há aqui uma dimensão melancólica em relação aos percursos", arrisca Miguel Fragata. "Há, claramente, desvios assumidos, desejados. E se há alguns zangados com o teatro, há outros que prosseguiram o trabalho na área, mas decidiram, simplesmente, guinar para o lado por vontade própria." Ou seja, neste trabalho de investigação sobre os vários percursos individuais daquele grupo, reflecte-se também "sobre a dificuldade e a precariedade do trabalho artístico em Portugal", enquanto se traça — sem ambição de tese — o retrato de um país que se especializou no turismo e nos negócios imobiliários.

"Estas personagens-actores vêm directamente da vida, fomos buscá-las e semeá-las aqui, e são também uma amostra de possibilidades no mundo de hoje", explica Fragata. E assim é, também, porque desde que o actor começa por partilhar as histórias dos seus colegas — desde o Kostia que já queria trabalhar o teatro como forma de sedimentar a sua carreira de ilusionista (que pegou e o leva hoje a dividir a vida entre Gaia e Los Angeles, trabalhando com actores oscarizados), à Masha que deixou o teatro e hoje agencia músicos e vende concertos —, apenas os conhecemos pelos nomes das personagens de Tchekhov. Desta forma, os destinos destas personagens misturam-se com as do elenco de 2005, parecem uns já inseparáveis dos outros, e instala-se esta estranha sensação de que, tal como no teatro do dramaturgo russo pouco ou nada parece acontecer, também as vidas

que aqui conhecemos através de nomes próprios, patronímicos e apelidos russos se desenrolam a passo lento, como fossem feitas não de grandes decisões, mas de pequenos passos que esboçam um caminho.

Ou, como cantava John Lennon, em *Beautiful boy (darling boy)*, "a vida é aquilo que acontece enquanto estamos ocupados a fazer outros planos".

Uma gaivota de várias faces

Tanto em Tchekhov, com acontecimentos pouco felizes pelo meio —sem grande spoiler neste caso, podemos recordar que Treplev se suicida, até porque o facto não tem especial relevância nesta *Só Mais Uma Gaivota*—, como naqueles 13 estudantes de teatro prestes a finalizar um capítulo importante das suas vidas, o futuro era um abismo, com tanto de assustador quanto de atraente. A peça que Miguel Fragata e Inês Barahona foram tecendo, no cruzamento entre estes dois planos, revela também que os sonhos de 2005 não se cumpriram, necessariamente, em 20 anos. Mas sem grandes dramatismos — apenas foram trocados por outros sonhos ou realizados de uma forma inesperada.

Acho que essa é também a grande sabedoria dos *millennials*", acredita Inês Barahona, referindo-se a este grupo que, naquele momento, se despedia da ESMAE. "Para a geração anterior, e essa é a grande tragédia na maneira como olham os seus filhos, havia um falhanço na falência desses projectos imaginados [para a sua prole]". Esta é a primeira geração que tem de aprender a lidar com isso e parece-me que está muito bem resolvida. Nas conversas que tivemos com estas pessoas, raramente há um grande rancor ou um grande ressentimento em relação aquilo que aconteceu nas suas vidas. Claro que há coisas mais bem resolvidas

do que outras, mas, no geral, todos se cumpriram de alguma maneira. E, se calhar, a vida passou a ser sobre isso — não tanto sobre o que sonhámos, mas sobre aquilo que efectivamente vivemos."

À imagem daquele que tem sido o processo das últimas criações da Formiga Atómica, a apresentação do espectáculo é a face mais visível e, de certa forma, o cúmulo de toda uma investigação que vai sendo partilhada com o público ao longo do percurso e através de acções paralelas. No caso de *Só Mais Uma Gaivota*, o primeiro momento aconteceu a 27 de Março, Dia Mundial do Teatro, com a leitura encenada de *A Gaivota* e a conferência "Bandos de Gaivotas", em que encenadores, intérpretes, cenógrafos e figurinistas que se cruzaram com a obra de Tchekhov nos últimos anos foram convidados a discuti-la.

Agora, que a peça finalmente se estreia, *Só Mais Uma Gaivota* chega ao CCB acompanhada de outros dois objectos complementares: a exposição *Diverse Laridae* (nome científico da gaivota), instalada junto ao pequeno auditório, onde se pode descobrir a resposta de cinco jovens artistas visuais (Amanda Triano, Bruno José Silva, Cheila Garcia, Sara Leme, e Sara e Tralha) à leitura do texto de Tchekhov; e o documentário *Gaivotas em Terra*, realizado por JUNO, registo do reencontro de Miguel Fragata com os seus colegas de curso, cruzando entrevistas actuais com a filmagem do espectáculo que apresentaram há 20 anos.

A *Gaivota comme il faut* continua nos planos da Formiga Atómica. Não desistiram dela. Mas o diálogo que agora iniciaram com Tchekhov, sentindo já terem maturidade para conversarem realmente, "sem receio de cometer uma heresia qualquer iconoclasta ou uma tentativa meio adolescente de destronar e cortar aos bocadinhos esta escrita", nota Inês Barahona, acabou por ganhar vida

própria e pedir-lhes que pensassem "o presente à luz do passado". Se o texto original lhes permitia "olhar para as tensões geracionais" e interrogar-se "como é que os artistas se confrontam com os dilemas da criação e que sentido faz isso hoje no mundo, perante tantas crises", a relação com a própria história de Miguel Fragata parecia um convite demasiado evidente para que "a possibilidade de preencher espaços deixados em aberto por Tchekhov" não fossem aproveitados com aquilo que a vida lhes oferecera como matéria artística.

A *Gaivota*, a par desta abordagem específica que Inês Barahona e Miguel Fragata escolheram para se relacionar com o texto de Tchekhov, responde à inquietação de concluir que "a biblioteca do mundo parece não estar a ser muito frequentada". Vivemos um tempo de permanente vertigem em querer galgar passos na direcção do futuro, como se "todo o nosso conhecimento e o nosso património universal enquanto sociedades" caíssem em detrimento de uma contínua e febril celebração do presente. "Parece que estamos muito esquecidos ou vemos o mundo a caminhar num sentido em que, activamente, vamos apagando estas referências da nossa vida, do nosso quotidiano", dizem. "É essa, talvez, a principal razão para sentirmos esta urgência e esta vontade de ir aos clássicos para pensar o presente."

Tentando descobrir, agora que levam já alguns anos de trabalho em conjunto, se o lugar onde se encontram se inscreve nas novas formas ou no teatro alinhado com as convenções. Afinal, é também essa a provocação que Tchekhov lança a quem se acerca de *A Gaivota*. Há sempre escolhas a serem feitas e, por mínimas que possam parecer, desenharam um caminho. Mesmo que sejam precisos 20 anos para o conseguir ver.

Só Mais Uma Gaivota chega ao CCB acompanhada da exposição *Diverse Laridae* e do documentário *Gaivotas em Terra*

Miguel Fragata, que sobe a palco sozinho — ainda que cercado de personagens



Culturas

Teatro & Dança

Coordenação Cristina Margato
e@expresso.impreso.pt

"Só Mais uma Gaivota":
uma enorme dramaturgia
para um espetáculo que
é para um intérprete



MANUEL LOUREIRO

Conversar com os clássicos

Miguel Fragata queria encenar "A Gaivota", de Tchekhov: o seu gigantesco trabalho de dramaturgia e preparação passou pela criação de um texto e de um espetáculo totalmente novos

TEXTO JOÃO CARNEIRO

SÓ MAIS UMA GAIVOTA
De Inês Barahona e Miguel Fragata
CCB, Lisboa, de 18 a 28

Em 1896 estreou-se "A Gaivota", de Anton Tchekhov, em São Petersburgo. Foi um fracasso. Em 1898, a peça é encenada por Konstantin Stanislavski, no Teatro de Arte de Moscovo. Foi um êxito. Em 2005, "A Gaivota" foi o exercício final dos alunos do curso de Teatro da ESMAE, no Porto, com encenação de João Pedro Vaz. Um espetáculo no Teatro Helena Sá e Costa. Entre os 13 intérpretes contava-se Miguel Fragata, que depois, com Inês Barahona, iria criar a Formiga Atómica, uma Companhia de Teatro que, no seu repertório, não tem feito os chamados clássicos. "Mas este ano eu tinha decidido que ia fazer um clássico. Pensei em pegar em 'A Gaivota', de Anton Tchekhov, e fazê-la *comme il faut*. Entusiasmei-me ao ponto de já ter pensado num elenco e tudo...", diz Miguel Fragata na peça "Só Mais uma Gaivota". Também diz que, há 20 anos, "A Gaivota" "deu sentido à nossa vontade de fazer teatro. Foi com ela que, pela primeira vez, depois de três anos de curso, sentimos que o teatro pode conversar com a vida". Fazer "A Gaivota" *comme il faut* teve de passar pela experiência de "A Gaivota" do final do curso. Foi

o encontro com o teatro naquilo que nele pode ser mais importante, naquilo em que o teatro faz parte da vida que não é só teatro, e na maneira como se entrança com tudo o que é a vida. Foi ir ao encontro dos colegas com quem essa experiência ocorreu, daquilo que eles entretanto fizeram e de quem eles são, 20 anos depois do final do curso. Foi um trabalho que se revelou indispensável para voltar à peça de Tchekhov, numa possível encenação, um dia, *comme il faut*. Foi organizar uma conferência chamada Bandos de Gaivotas, na qual se reuniram pessoas que participaram em diversas montagens da peça, em Portugal; foi fazer uma leitura encenada da peça, chamada "Uma Gaivota Comme Il Faut"; foi escrever o texto deste espetáculo, que se estreia agora, e que ainda não é a tal... *comme il faut*; foi programar uma exposição chamada "Diverse Laridae", para acompanhar as apresentações do espetáculo, na qual foi pedido a cinco artistas das artes visuais que criassem um objeto resultante do seu confronto com a peça; foi ir à procura dos colegas de curso, falar com eles e organizar com isso um documentário

chamado "Gaivotas em Terra", que vai ser mostrado ao público no dia 27. Foi uma gigantesca dramaturgia, para um espetáculo que é para um intérprete. Mas o que é "A Gaivota", a peça de Tchekhov? "Uma comédia em quatro atos, um cenário rural, quatro mulheres, seis homens, muita conversa sobre literatura, pouca ação e cinco arrobos de amor", terá dito o autor; "A Gaivota" é isto, mas também é muito mais do que isto. Mesmo muito mais", desabafa o rapaz que fala em cena, Miguel Fragata, autor, ator, encenador e ex-aluno de uma escola de teatro. Numa conversa que se seguiu a um ensaio, Inês Barahona, que em 2005 ainda não conhecia Miguel Fragata nem tinha visto o tal espetáculo de finalistas, refere todo este trabalho em torno de "A Gaivota" como resultado de "um desejo muito grande de conversar com quem veio antes de nós". É isso que os aproxima dos clássicos; é assim que se pode manter, renovar e reinventar um vocabulário comum que atravessa épocas, gerações, géneros, e que torna a arte, e com ela o teatro, uma coisa profundamente entrançada com a vida. ●

A peça baseia-se também na vida de Miguel Fragata e seus antigos colegas.



Obra de Cheila Garcia na exposição *Diverse Laridae*.

Os artistas que participam na exposição são Amanda Triano, Bruno José Silva, Cheila Garcia, Sara Leme, Sara e Tralha. A artista Sara Leme apresenta três diferentes peças. A artista afirmou que como veio da joalharia quis colocar isso na sua escultura com anéis. "Tenho anéis que são batedores de portas feitos de materiais bastante diferentes. Alguns naturais, outros antropogénicos, frágeis, resistentes, efêmeros. E tento criar um arquivo de uma floresta híbrida, a relação entre a conservação e a destruição".

Já a peça de Amanda Triano é baseada numa frase que critica Descartes pela separação do ser humano dos animais. "Peguei nessa frase e fiz uma outra relação". Cheila Garcia apresenta duas peças: um painel com desenho de uma nuvem que foi feito com a máquina de escrever. O outro é um painel LED que tem a frase *One Cloud Feels Lonely*, de um livro de Richard Adams. Bruno José Silva apresenta uma instalação que tenta projetar um futuro pós-humano em que uma espécie se depara com vestígios de uma civilização. "É uma peça que tenta dialogar com esta obsessão que nós temos em classificar e arquivar tudo". Já Sara e Tralha apresentam uma instalação inspirada na antropologia. "O que me marcou mais na peça é esta questão meta da vida e da morte, da vida dentro da morte, da morte dentro da vida. Isso ligasse muito ao futuro".

Para além da peça de teatro e da exposição, haverá ainda um documentário, intitulado *Gaivotas em Terra*, que resulta de um conjunto de entrevistas a cada um dos atores que fizeram parte da peça *A Gaivota* no final do curso na ESMAE, em 2005.

Uma peça que põe em diálogo uma geração e um clássico de Tchekhov

TEATRO *Só Mais Uma Gaivota* vai estar em cena no Centro Cultural de Belém a partir de hoje e até 28 de setembro. Em ligação com o espetáculo, haverá uma exposição intitulada *Diverse Laridae*, onde cinco jovens artistas foram desafiados a produzir obras baseadas na peça *A Gaivota*.

TEXTO **MARIANA DE MELO GONÇALVES**

Este ano eu tinha decidido que ia fazer um clássico, é assim que começa a peça *Só Mais Uma Gaivota* que estreia hoje no Centro Cultural de Belém, onde ficará em cena até dia 28 de setembro. O projeto para esta peça surgiu da ideia da companhia de teatro Formiga Atômica de trabalhar clássicos da dramaturgia. "Pensámos que *A Gaivota* podia ser uma boa forma para lançar esse ciclo. Ao fazer esse exercício de pensar porquê a gaivota e como é que vamos pegar nela e sobre que ângulo, comecei a perceber o porquê da gaivota ser importante para mim em particular. E, de facto, estava relacionado com a minha história pessoal", conta Miguel Fragata, revelando que há 20 anos atuou na mesma

obra como exercício final do curso de teatro. "Até um espetáculo baseado numa peça clássica podia dialogar com o presente e dialogar com as nossas vidas".

Só Mais Uma Gaivota, baseada na peça *A Gaivota* de Tchekhov, mistura a história do jovem escritor Treplev com a história de uma geração. "Por um lado, tínhamos esta dimensão biográfica muito forte. Por outro lado, cruzá-lo com Tchekhov e com estas personagens. Portanto, foi muito importante perceber de que maneira é que as pessoas se ligavam ao texto e quais os seus percursos para depois criarmos estas relações", explica Miguel Fragata em conversa com o DN.

Para além de excertos do clássico, a peça mostra também o percurso destas 13 pessoas du-

rante 20 anos e o que aconteceu durante estes anos no mundo. "Estamos também a falar sobre expectativas, sonhos que se cumpriram, sonhos que não se cumpriram e toda essa ideia da vida que vai acontecendo de uma forma às vezes muito inusitada. A vida passa, passam 20 anos e parecem dois."

Relativamente às cenas do clássico russo, Miguel Fragata explica que foram escolhidas com base nas temáticas que queriam abordar. "Escolhemos as cenas que nos pareciam ser as cenas mais importantes da peça e com base nas informações que nós tínhamos sobre cada uma das pessoas que nos permitisse colar. Por exemplo, as expectativas face ao futuro no teatro, que algumas pessoas demonstravam, de re-

pente são expectativas que estão muito evidentes numa personagem como a Nina. A dimensão do conflito geracional. Escolhemos especificamente uma cena que é provavelmente o clímax do conflito geracional entre a mãe e o filho em que eles dialogam sobre as suas formas de olhar para o teatro".

O espetáculo *Só Mais Uma Gaivota* vai estar acompanhado pela exposição *Diverse Laridae*, onde cinco jovens artistas visuais foram desafiados a trabalhar em peças baseadas em *A Gaivota*. "A ideia era ajudar o processo de investigação e criação que muitas vezes os artistas não têm. Portanto, tiveram três meses de pesquisa e criação", explica ao DN o curador a exposição, Federico Rudari.

Registe-se (register) Entrar ➞ (<https://www.lusa.pt/signin>)

12-09-2025 11:15

"Só mais uma gaivota" põe peça de Tchekhov em diálogo com dias de hoje no CCB



Lisboa, 12 set 2025 (Lusa) – A companhia Formiga Atómica estreia, no dia 18, no Centro Cultural de Belém (CCB), em Lisboa, a nova criação “Só mais uma gaivota”, espetáculo que retrata uma geração em diálogo com a peça “A gaivota”, de Anton Tchekhov.

Ao partir deste clássico do dramaturgo russo, “Só mais uma gaivota” torna-se a primeira peça "de repertório" da companhia fundada por Inês Barahona e Miguel Fragata, que a encena e interpreta, como disse à imprensa Inês Barahona.

Num cenário próprio de um Museu de História Natural, onde pontificam 13 gaivotas embalsamadas, tantas quantas as personagens da peça do escritor russo, Miguel Fragata interpreta o texto que escreveu com Inês Barahona, no qual faz um retrato da sua geração enquanto finalista do curso de teatro, no Porto, há 20 anos, cerzindo elementos do percurso seguido por cada um deles, num diálogo constante com o texto original do dramaturgo russo e as suas 13 personagens.

Realizado a partir de uma pesquisa e de entrevistas que deram origem a objetos artísticos paralelos, leva Miguel Fragata a palco com o mesmo texto que a turma de 2005, da qual fazia parte, fez o exercício final de curso na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE), no Porto.

Em "Só mais uma gaivota", são exploradas as expectativas que aqueles alunos tinham há vinte anos face ao futuro e à realidade atual, descreveu.

"No momento em que me confrontei com esta peça, eu e os meus colegas, há 20 anos, foi, de facto, muito transformadora", acrescentou à imprensa Miguel Fragata, no final de um ensaio ainda realizado sem toda a cenografia nem figurino.

Nessa altura, acrescentou, o ator ficou "com a sensação de que, afinal, havia uma possibilidade de o teatro dialogar diretamente com a vida", em particular com a vida daqueles jovens de 20 anos.

Fazer "A gaivota", de Tchekhov, "naquele momento – fim de curso, final da escola e em confronto com o futuro" foi "muito particular, porque havia ecos muito evidentes", acrescentou o autor e intérprete.

Como ao longo de 20 anos, o texto de Tchekhov se "tornou sempre uma grande referência, uma peça de grande amor também", um texto que também o foi "acompanhando enquanto espectador", Miguel Fragata decidiu voltar a ele, até porque "tinha mesmo decidido fazê-lo este ano", sublinhou.

A peça que aparecerá no palco do Pequeno Auditório do CCB só surgiu quando começaram a pensar "sobre que ângulo" fariam o texto de Tchekhov.

"De repente, tornou-se de facto muito mais premente e importante ir revisitar este momento [inicial], a relação pessoal com o texto e pensar em mergulhar no clássico 'A gaivota' agora num futuro próximo", afirmou.

O 'mergulho' começou precisamente por aproveitarem "o facto de se estarem a perfazer 20 anos", desde que Miguel Fragata e os colegas de 2005 terminaram o curso. E também pelo sentido encontrado nessa relação com os dias de hoje, argumentou.

Pensar de que forma esta geração "é um espelho da história do mundo e da história recente do mundo", sendo também das "mais impactadas pelas grandes e áridas mudanças" ocorridas, entre crises, guerras e até desmembramento de países, foi a forma encontrada para saberem, "de uma forma muito particular, "o que eram os sonhos desta geração em relação ao seu futuro".

A peça a ver no CCB resulta também de “um périplo de encontros e entrevistas” com os 13 finalistas do curso, permitindo o retrato do percurso de cada um, o que para Miguel Fragata “é muito importante de ver”.

“Por um lado, de que forma mais ou menos irónica, às vezes, ou de que forma absolutamente inesperada, se cruzam os destinos imaginados por cada um com aquilo que realmente se passou ao longo destes 20 anos”. Por outro, “ver esta amostra de pessoas e aquilo que elas fazem profissionalmente, pessoalmente, a maneira como as vidas se foram desenrolando. É assim uma espécie de amostra da diversidade da espécie humana do presente”, sustentou.

Atualmente os então finalistas do curso da ESMAE têm atividades profissionais que vão do turismo, ao setor imobiliário, e há também “trabalhadores em constante mudança de percurso”, disse Miguel Fragata.

Desse grupo, só Fragata e mais duas pessoas são profissionais de teatro.

“É nesse encontro e desencontro entre os sonhos de há vinte anos e a realidade, que de facto se têm jogado estes 20 anos e se joga a peça”, e sem que haja “propriamente uma dimensão melancólica em relação a isso”.

Fragata admite que haja um caso ou outro em que havia uma grande expectativa e uma grande certeza de que o futuro profissional passaria pelo teatro. Mas há “também um certo apaziguamento” por tal não ter acontecido - um apaziguamento, “se calhar, próprio dos 40 anos [com que os então finalistas estão agora], sobre aquilo que foi e o que [desde então] aconteceu”.

O espetáculo tem ainda, entre os 'objetos paralelos', uma exposição - “Diverse Laridae” -, que resultou de um convite a cinco jovens artistas visuais para mergulharem conjuntamente com os autores da peça no original de Tchekhov, pondo-o em diálogo com o mundo atual.

A exposição é inaugurada no dia da estreia, 18 de setembro, no Foyer e corredores dos pisos 0 e 1 do Pequeno Auditório, e estará aberta ao público sempre que houver espetáculo, uma hora antes das récitas.

O outro objeto é o documentário “Gaivotas em terra”, composto pelo conjunto de entrevistas filmadas aos atores que participaram no elenco da produção final daquele curso da ESMAE, em 2005, a exibir no dia 27, pelas 17:00, no CCB.

No final de 2026, a versão francesa do espetáculo, “Encore une mouette”, estreiar-se-á no Théâtre du Point du Jour, em Lyon, em data ainda por definir, acrescentou.

Com texto de Inês Barahona e Miguel Fragata, que encena e interpreta, “Só mais uma gaivota” tem excertos da dramaturgia original na tradução de Fiama Hasse Pais Brandão.

O espetáculo tem figurinos de José António Tenente, cenografia de Fernando Ribeiro e música de Hélder Gonçalves.

No desenho de luz e de som estão Rui Monteiro e Nelson Gonçalves, respetivamente.

A peça tem récita nos dias 19, 25 e 26, às 20:00, nos dias 20 e 27, às 19:00, e nos dias 21 e 28, às 17:00.

As sessões de dias 19, 21, 25 e 27 têm interpretação em Língua Gestual Portuguesa.

CP // MAG

Lusa/fim

Este conteúdo é protegido por Direitos de Autor e Direitos Conexos e Direitos de Propriedade Industrial ao abrigo das leis portuguesas e da União Europeia, não podendo ser utilizado fora das condições admitidas no mesmo. É expressamente proibido copiar, reproduzir, modificar, exhibir, transmitir ou divulgar, por qualquer forma ou para qualquer fim os conteúdos deste site, sem prévia e devida autorização da LUSA.

MAIS LIDAS



© Manuel Loureiro

SÓ MAIS UMA GAIVOTA

Miguel Fragata está sozinho em palco – é o ator quem faz todas as personagens de *A Gaivota*, de Anton Tchékhov. É ele também que dá corpo e voz a todos os seus colegas que o acompanharam na apresentação dessa peça de final de curso, há 20 anos, e é ele quem olha para o que aconteceu desde então. Assim se faz este *Só Mais Uma Gaivota*, “retrato de uma geração em diálogo com o texto de Tchékhov”, o novo espetáculo da Formiga Atómica. Se aquela obra do dramaturgo russo nos fala das angústias dos criadores artísticos, Fragata confronta-a com as suas – e as nossas –, e também com as últimas décadas e as projeções de futuro auspicioso que se faziam. Como chegámos aqui e que lugar é este onde nos encontramos? Como serão os próximos atos? Paralelamente, a Formiga Atómica apresenta a exposição *Diverse Laridae*, com o trabalho de cinco jovens artistas das artes visuais, desenvolvido a partir de *A Gaivota*; e, a 27 de setembro, é transmitido o documentário *Gaivotas em Terra*, resultado das entrevistas aos colegas de Miguel Fragata. **GL**

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

18 A 28 DE SETEMBRO

Praça do Império / 213 612 697 / ccb.pt



Teatro da Trindade

JULIETA E ROMEU

11 de set. a 26 de out. €14

Adaptando a tragédia de Shakespeare e acentuando-lhe o seu potencial de reflexão contemporânea, *Julieta & Romeu*, de Ricardo Correia – vencedor do Prémio Miguel Rovisco 2025 –, encenada por Flávio Gil, mostra-nos um amor que desafia o destino, o passado e o acaso.

Teatro Variedades

O NARIZ DE CLEÓPATRA, POIS CLARO!

12 de set. a 5 de out. €14 a €17

Comédia absurda, da autoria de Augusto Abelaira, escrita em 1962, chega ao Teatro Variedades como parte da programação do Teatro Nacional D. Maria II. O elemento central é uma nave que, carregada de aventureiros, no século XXII, viaja no tempo e altera a História, fazendo com que os gregos percam a Guerra de Tróia. De regresso ao presente, instala-se a confusão.



REJORD MACEIDO

Teatro Ibérico

BAIRRO PROFANO

18 a 28 de set. €10

No bairro do Beato, em Lisboa, emergem vidas invisíveis; moradores que mantêm elevadores avariados e casas por pintar, mas também laços e generosidade, valores que persistem num esquecido postal urbano. Rita Costa, Catarina Caetano e Mariana Correia convocam-nos a entrar num espaço que é tanto presente quanto espelho da cidade.

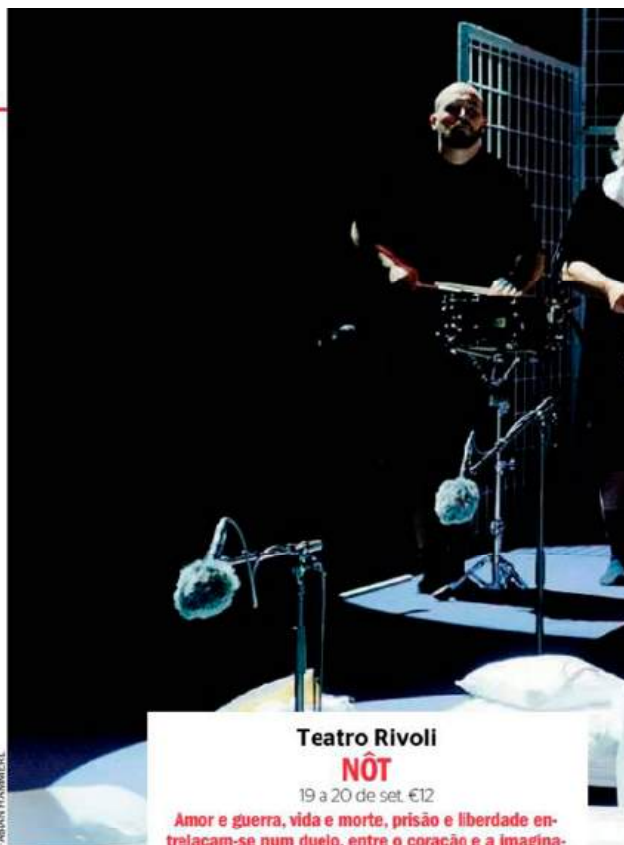
Centro Cultural de Belém

SÓ MAIS UMA GAIVOTA

18 a 28 de set. €12 a €15

Miguel Fragata regressa ao fim da história original de Tchekhov – quando Konstantin se suicida – e parte à procura dos destinos daqueles que encenaram *A Gaivota* 20 anos antes. Entre o real e o imaginado, costura-se uma continuação do ato que já não existe.

FABIAN HAMMEL



Teatro Rivoli

NÔT

19 a 20 de set. €12

Amor e guerra, vida e morte, prisão e liberdade entrelaçam-se num duelo, entre o coração e a imaginação viva, criado por Marlene Monteiro Freitas, coreógrafa cabo-verdiana. Obra de abertura da edição de 2025 do festival de teatro de Avignon, dividiu as opiniões do público e crítica. “Estrondosa”, escreveu o *Le Monde*, em contraste com “o espetáculo não tem lugar” no Palácio dos Papas de Avignon (*Le Figaro*).

Teatro do Bairro Alto

ANALPHABET

10 e 11 de set. €12

Depois da estreia em maio, no Porto, o TBA recebe a performance de Alberto Cortés, integrada no programa da BoCA – Bienal de Artes Contemporâneas. Cortés dá corpo a uma entidade queer e trágica, acompanhado ao violino por Luz Prado, inspirando-se no romantismo alemão e nas dores amorosas para expor a violência nas relações queer, mas também a possibilidade de reescrever o amor.

MARLENE MONTEIRO FREITAS



→Só Mais Uma Gaivota

“Konstantin Gavrilovitch matou-se com um tiro.” Assim terminou A Gaivota, de Anton Tchékhov. Depois, desceu o pano e o público presente na sala aplaudiu, entusiasmado, o desempenho daqueles jovens actores e atrizes, cenógrafos

e figurinistas, técnicos e produtores.

Estavam a terminar o curso de teatro. Vinte anos depois, Miguel Fragata – um desses jovens – parte em busca do destino dos seus colegas e recupera fiapos das personagens, procurando imaginar a continuação do IV acto. →Centro Cultural de Belém. 18-28 Set, Qui-Sex 20.00, Sáb 19.00, Dom 17.00. 12€-15€



in [RTP](#) (a partir de 00:41 segundos)



in [Rádio Renascença](#) (a partir de 06:21 minutos)

Fila J

500+ episódios

De segunda a sexta, o teatro, a dança, a música, as exposições têm lugar na plateia da rádio. Fila J, com José Carlos Barreto

"Só Mais Uma Gaiivota", da Companhia Formiga Atômica, no pequeno auditório do CCB

0:00 / 3:57

in [TSF / Fila J](#)

Companhia de teatro Formiga Atômica apresenta "Só mais uma gaivota"

Companhia de teatro Formiga Atômica juntou as memórias da turma de 2005, enquanto finalistas de um curso de teatro, cruzadas com um texto emblemático com mais de 100 anos e apresenta agora "Só mais uma gaivota".

Sandy Gagello - Antena 1 / atualizado 18 Setembro 2025, 11:03



in [Antena 1](#)

COFFEEPASTE



[Conteúdos +](#) [Notícias](#) [Classificados +](#) [Agenda +](#) [Crítica](#) [COFFEEELABS +](#) [Recursos +](#) [Sobre +](#) [PT.25 em direto](#) [m longe. Mantém viva a cultura independe](#) [Apolar](#) [Q](#)



in [CoffeePaste](#)

